



RESULTADOS ESPORTIVOS NO ESCALÃO JÚNIOR E DESEMPENHOS OBTIDOS NA ETAPA DE RENDIMENTOS MÁXIMOS: UMA ANÁLISE SOBRE A CARREIRA DOS TENISTAS TOP 100

Caio Correa Cortela

Federação Paranaense de Tênis – Brasil

Manuel João Coelho e Silva

Marcelo Nolf Brandão

Universidade de Coimbra – Portugal

Juan Pedro Fuentes Garcia

Universidade de Extremadura – Espanha

Débora Navarro Rocha

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil

Resumo: O presente estudo examinou a interdependência que se estabelece entre o sucesso esportivo no escalão júnior e os desempenhos alcançados na etapa de rendimentos máximos. Para isso, foram produzidas estatísticas de tendência central, de dispersão e correlações de Pearson sobre as variáveis selecionadas. Os resultados apontaram que a idade de entrada no *Top 400* poderá ser utilizada como um importante instrumento no prognóstico do desempenho esportivo. Mais além, observou-se que a melhor classificação no *ranking* da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) ao final da época juniores demonstrou ser um melhor indicador do verdadeiro potencial do atleta, do que a melhor classificação no *ranking* do Circuito Juniores da Federação Internacional de Tênis (ITFJ).

Palavras-chave: tênis; competição; percurso esportivo.

INTRODUÇÃO

As elevadas remunerações e o reconhecimento social obtido pelos tenistas de elite têm elevado o número de atletas aspirantes a seguirem uma carreira profissional nessa modalidade. No entanto, observa-se que o caminho a ser percorrido não é simples. De acordo com Balyi (2005), os estudos têm demonstrado que são necessários, no mínimo, 10 anos e 10 mil horas de treino para que um atleta considerado talentoso consiga atingir níveis elevados de desempenho (elite) na sua modalidade esportiva. Especificamente para o tênis, diversos autores têm relatado o papel crucial da competição no desenvolvimento integral de tenistas de sucesso (MILEY; NESBITT, 1995; VICARIO, 2003; REID et al., 2007).

De um modo geral, até o escalão sub-18 anos a Federação Internacional de Tênis (International Tennis Federation – ITF) é a principal responsável pela elaboração do sistema de classificação mundial (*ranking*). Posteriormente, o escalonamento é efetuado pela Associação dos Tenistas Profissionais (Men's Professional

Tennis – ATP), que destina a ordenação dos tenistas profissionais. Em alguns casos, existem jogadores que, em um período terminal de formação esportiva, pontuam concomitantemente nos dois sistemas. Essa situação traz a tona uma das questões que assolam os treinadores que trabalham com os tenistas em fase de transição ao profissionalismo. Se por um lado existem os modelos referenciais de preparação esportiva em longo prazo, onde se observam as idades e as durações das etapas da formação esportiva, por outro, existem casos concretos de tenistas que em função dos seus resultados e de suas características individuais justificariam acelerar o processo de transição.

Em virtude do exposto anteriormente, ao analisar a carreira esportiva dos tenistas de elite atentando-se ao percurso competitivo, se observam três tipologias de casos. Existem tenistas que obtêm sucesso no escalão júnior e que ao transitarem para o profissionalismo continuam a integrar a elite mundial no *ranking* da ATP. Por outro lado, há tenistas que depois de atingirem uma posição proeminente no escalão júnior, não conseguem repetir esses bons resultados no circuito profissional. Por fim, há ainda casos de tenistas que integraram a elite mundial do circuito profissional da ATP após se destacarem nos juniores.

Nessa direção, a obtenção de resultados significativos no Circuito Juniores da Federação Internacional de Tênis (International Tennis Federation's Junior Circuit – ITFJC) tem sido apontada como uma importante ferramenta para prognosticar os resultados futuros apresentados pelos tenistas (REID et al., 2005, 2007). Por outro lado, configura-se uma dúvida sobre o verdadeiro valor de prognóstico da pontuação ITFJC quando se tem por objetivo expressar a melhor classificação da carreira no *ranking* da ATP.

Dessa forma, o presente estudo procurou examinar a interdependência que se estabelece entre o sucesso esportivo no escalão júnior e os desempenhos alcançados no circuito profissional da ATP. Os dados em apreciação poderão fundamentar futuras decisões sobre a difícil e complexa transição da etapa final de formação e a busca por resultados expressivos na elite do tênis mundial.

OS RESULTADOS ESPORTIVOS NAS ETAPAS DE FORMAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM OS DESEMPENHOS FUTUROS

Análises feitas em literatura recente (BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006; REID et al., 2007) demonstram que os modelos de formação esportiva que enfatizam os resultados esportivos em uma perspectiva de curto prazo têm sido amplamente criticados na literatura atual. Considerando que o sucesso nas etapas de formação é fortemente influenciado pela maturação e pela experiência (tempo de prática, número de competições, número de sessões de treinos, entre outros), os resultados esportivos apresentados pelos atletas nesse período devem ser analisados com cautela, uma vez que apenas eliminando as vantagens obtidas por um estágio maturacional mais avançado ou pela maior experiência, esses podem vir a não se repetir. Contudo, poucos estudos mencionam o momento em que os resultados esportivos obtidos pelos jovens atletas podem constituir um importante instrumento para auxiliar na predição dos resultados futuros (CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006). Especificamente no tênis, os estudos existentes com o intuito de associar os resultados apresentados no *ranking* júnior ao sucesso obtido posteriormente no escalão sênior são limitados (MILEY; NESBITT, 1995).

Brito, Fonseca e Rolim (2004) analisaram o percurso esportivo de 329 atletas do sexo feminino que estiveram classificadas entre as cinco primeiras colocadas no *ranking* divulgado pela revista portuguesa de Atletismo no período de 1986 a 1990, para provas de pista ao ar livre. Essas atletas foram acompanhadas até o ano 2000 na tentativa de verificar se os resultados obtidos nos escalões de formação seriam repetidos no escalão sênior. Os resultados demonstraram que apenas uma reduzida porcentagem de atletas que estavam classificadas entre as cinco melhores do *ranking* nos escalões menores conseguiram repetir esses resultados nos escalões superiores. Foi possível observar que quanto mais baixo era o escalão onde essa classificação ocorria, menores eram as porcentagens de esses resultados voltarem a ocorrer no escalão sênior.

Em direção oposta, Cafruni, Marques e Gaya (2006) observaram quais foram os resultados esportivos obtidos nos escalões de formação por 165 atletas das regiões Sul e Sudeste do Brasil e que já se destacavam nas competições nacionais seniores no período de 1998 a 2002. Esses atletas competiam em distintas modalidades esportivas (ginástica olímpica, ginástica rítmica, natação, tênis, voleibol e futsal) ressaltando-se que 62% da amostra em questão pertenciam às seleções nacionais seniores. Especificamente para o tênis, foram selecionados 16 atletas de ambos os sexos enquadrados entre os 500 primeiros posicionados dos *rankings* ATP ou da Associação Feminina de Tênis (Women's Tennis Association – WTA) na temporada de 2001.

O modelo de planejamento a longo prazo de carreira esportiva utilizado pelos autores como referência para análise dos resultados foi dividido em três etapas, e a obtenção de altos resultados deveria ocorrer apenas na terceira etapa. Os autores concluíram que a última etapa do planejamento a longo prazo da carreira esportiva parece constituir um importante instrumento no auxílio ao prognóstico de altos rendimentos na idade adulta.

Com o objetivo de verificar qual era a relação existente entre o sucesso no *ranking* ITFJC e as classificações obtidas posteriormente por esses atletas no *ranking* profissional, Reid et al. (2007) acompanharam o percurso esportivo de 116 tenistas do sexo masculino, com média de idade de 18,1 anos, que estiveram entre os 20 melhores classificados do *ranking* ITFJC, no período de 1992 a 1998. Ao longo desse período, tenistas oriundos de 40 países atingiram essa classificação, e Argentina e Estados Unidos foram os países de maior destaque, com nove tenistas cada um. A grande maioria dos tenistas que obtiveram essa classificação no ITFJC (91%) conseguiu progredir até obter uma classificação no *ranking* profissional. Uma análise de regressão demonstrou que estar classificado entre os 20 primeiros ITFJC permite prognosticar de forma significativa a entrada desses tenistas no *ranking* profissional, porém, essa predição explica apenas 5% da variação observada na classificação obtida por esses atletas no *ranking* profissional.

Na tentativa de verificar outras variáveis que pudessem explicar de forma mais consistente a variação no *ranking* profissional, os autores observaram a influência do tipo de superfície em que o atleta treinou e a possível relação que ela poderia estabelecer com o *ranking* profissional obtido. Os resultados demonstraram que os atletas que se desenvolveram em superfícies de jogo predominantemente duras apresentaram classificações no *ranking* profissional significativamente inferiores às dos tenistas que se desenvolveram em quadras de terra batida ou em combinação entre a terra batida e as quadras duras (REID et al., 2007).

Apesar de o sucesso no ITFJC não explicar de forma significativa as variações ocorridas no *ranking* profissional, Reid et al. (2005) relataram que 45% dos atletas da amostra em questão atingiram o *Top 100* no *ranking* profissional.

De modo similar, Fernández (2007) analisou a progressão dos tenistas espanhóis no *ranking* nacional desde o escalão infantil (tenistas que completaram ou completariam 13 ou 14 anos) até o escalão sênior. A amostra foi composta por tenistas de ambos os sexos que atingiram as semifinais de três competições consideradas como as mais importantes para o escalão infantil na Espanha no período de 1988 a 1992. Os resultados demonstraram que apenas 29% da amostra conseguiram classificar-se no *Top 10* do *ranking* nacional sênior.

O autor ratificou a importância de haver cautela no tratamento dos resultados para a população em questão, uma vez que os mesmos não são garantias de resultados futuros. Segundo Fernández (2007), a menor velocidade de jogo encontrada no escalão infantil permite a um atleta puramente defensivo e com um estágio maturacional mais avançado obter bons resultados, ao passo que no escalão sênior, onde todos os atletas já atingiram a maturidade e a velocidade do jogo é bastante superior, os atletas com padrões de jogos mais ofensivos tendem a apresentar melhores resultados.

Em seu estudo, Unierzyski (2003) procurou verificar se os fatores como nível de habilidades motoras, carga de treino de força e a experiência (idade de início da prática, número de torneios, número de horas de treino, entre outros) influenciam o progresso do jovem tenista até o profissionalismo. Para isso foram

avaliados 158 tenistas do sexo masculino participantes do Circuito Europeu, com idades que variaram de 12 a 13 anos. Esses tenistas realizaram testes de habilidades motoras, mensurações antropométricas e responderam a um questionário que continha questões relacionadas à experiência na modalidade. O estudo foi conduzido por meio de uma análise retrospectiva, e a amostra em questão passou a competir ativamente nos torneios da ATP sete a oito anos após a realização das avaliações.

Os resultados demonstraram que os principais fatores que afetaram o desempenho dos jovens tenistas estão relacionados com a experiência e a maturação. Os atletas considerados “jovens campeões” eram geralmente mais altos, mais pesados e mais potentes do que os seus adversários, porém as vantagens obtidas por esses atletas enquanto jovens não impediram os demais tenistas que apresentavam maturação tardia de se tornarem tenistas de classe mundial. Da mesma forma, os tenistas que possuíam os mais altos *rankings* enquanto jovens afirmaram treinar muito e participar em diversas competições, o que lhes garantiu uma grande experiência (UNIERZYSKI, 2003).

A pesquisa, aqui brevemente descrita, busca avançar no sentido de buscar novas interdependências que possam ser estabelecidas entre sucesso esportivo no escalão júnior e os desempenhos alcançados no circuito profissional da ATP.

METODOLOGIA

A amostra do estudo foi constituída pelos 100 tenistas que integraram o *Top 100* do *ranking* ATP nas provas de simples, em 31 de dezembro de 2007. A idade média observada para os tenistas em questão foi de 26,1 anos de idade, tendo o tenista mais jovem 18,4 anos e o tenista mais velho 35,8 anos. Esses tenistas são oriundos de 26 países, e sete dessas nações foram responsáveis pelo desenvolvimento de 64% dos tenistas *Top 100*.

As variáveis observadas foram:

- A) data de nascimento;
- B) idade em que iniciou a prática do tênis;
- C) melhor posição obtida no ITFJC;
- D) data de obtenção do melhor *ranking* ITFJC;
- E) melhor classificação no *ranking* ATP no momento de obtenção do melhor *ranking* ITFJC;
- F) melhor classificação no *ranking* ATP ao final da época de juniores;
- G) data de entrada no *Top 400* do *ranking* ATP;
- H) data de entrada no *Top 200* do *ranking* ATP;
- I) data de entrada no *Top 100* do *ranking* ATP;
- J) melhor classificação da carreira no *ranking* ATP;
- K) data de obtenção do melhor *ranking* ATP.

As informações referentes às variáveis A, B, C e D foram recolhidas no *site* oficial da ITF, sendo a última atualização ocorrida no *ranking* ITFJC em 2007, no dia 17 de dezembro. Os dados foram recolhidos, no mesmo *site*, no perfil dos jogadores. O acesso ao perfil do tenista foi obtido por meio da inserção do nome de família utilizado pelos mesmos no circuito profissional, ou seja, o nome apresentado pelo mesmo no *ranking* ATP.

As informações referentes às variáveis E, F, G, H, I, J e K foram recolhidas no *site* oficial da ATP, sendo referentes à última atualização ocorrida no *ranking* ATP em 2007, no dia 31 de dezembro. Os dados foram recolhidos no *site* oficial da entidade.

Para a variável E estabeleceu-se qual foi o melhor *ranking* ATP obtido para cada um dos tenistas na data em que atingiram a melhor classificação no *ranking* júnior ITFJC.

Para a variável F estabeleceu-se qual foi o melhor *ranking* ATP obtido por cada um dos tenistas até o final da época em que completaram ou completariam 18 anos de idade.

Em relação às variáveis G, H e I, foram consideradas as primeiras datas em que os tenistas se posicionaram nos *Tops* 400, 200 e 100 do *ranking* ATP.

Utilizando-se o *software* SPSS versão 15.0, foram produzidas estatísticas de tendência central e de dispersão sobre as variáveis selecionadas.

Por fim, foram estabelecidas correlações de Pearson com níveis de significância de $p \leq 0,1$ e $p \leq 0,5$ para todas as variáveis etárias (B, D, G, H, I e K) e para todas as variáveis relacionadas, as classificações nos *rankings* ITFJC e ATP (C, E, F e J).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se por fazer a discussão dos resultados juntamente com a apresentação deles visando proporcionar uma visão mais clara do quesito analisado.

Tabela 1

Cálculo dos decis para a totalidade da amostra relativamente às melhores pontuações ITFJC, melhor classificação ATP no momento da melhor classificação ITFJC e ATP (ao final da época júnior)

	ITFJC (n = 83)	ATP_ITFJC (n = 65)	ATP (júnior) (n = 91)
Decil 1	1	274	85
Decil 2	3	390	158
Decil 3	7	505	239
Decil 4	11	567	323
Decil 5	20	587	400
Decil 6	40	880	519
Decil 7	90	991	656
Decil 8	242	1.166	849
Decil 9	334	1.299	1.074

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao observar a Tabela 1, verifica-se que o decil 1 foi composto apenas pelos tenistas que lideraram o *ranking* ITFJC em algum momento da carreira juniores, enquanto apenas 10% dos demais atletas apresentaram classificações ITFJC acima da 334ª posição (decil 9). O decil 1 para os 65 tenistas que apresentavam algum *ranking* ATP no momento de obtenção do melhor *ranking* ITFJC foi composto pelos tenistas que apresentavam classificações inferiores ao 274º lugar, sendo o decil 9 marcado pelos tenistas com *ranking* inferiores a 1.299ª posição e superiores a 1.166ª. Verifica-se também um decil 1 com classificação inferior ao 85º lugar do *ranking* ATP e um decil 9 de 1.074ª para a melhor classificação ATP obtida até o final da época de juniores.

Ao atentar para as correlações apresentadas na Tabela 2 entre a idade de obtenção do melhor *ranking* ITFJC e as idades em que os tenistas atingiram os diferentes marcos na carreira esportiva, encontram-se associações tênues e moderadas que variaram de +0,38 (idade de entrada no *Top* 400) a +0,48 (idade de ocorrência da melhor classificação no *ranking* ATP). Esses dados sugerem que os tenistas que obtêm a melhor classificação ITFJC em idades mais baixas tendem a adentrar nos demais marcos da carreira esportiva mais cedo que os seus pares.

Nessa mesma direção verifica-se uma forte associação entre idades de entrada no *Top* 400 e idades de entrada nos *Tops* 200, 100 e uma moderada correlação entre essa mesma variável e a idade de obtenção da

melhor classificação no *ranking* ATP. Esses dados apontam que os tenistas que adentram no *Top* 400 em idades relativamente mais baixas tendem a cruzar a barreira dos *Tops* 200 e 100 e a atingirem a melhor classificação no *ranking* ATP mais cedo dos que os demais, verificando-se associações fortes e moderadas entre essas variáveis de +0,91, +0,86 e +0,56, respectivamente.

Seguindo essa tendência, constata-se uma forte correlação de (+0,94) entre as idades de entrada nos *Tops* 200 e 100 e uma moderada associação (+0,69) entre a idade de chegada no *Top* 200 e o momento de ocorrência da melhor classificação no *ranking* ATP, indicando que os atletas que atingem esse marco em idades mais baixas tendem a adentrar os demais marcos em idades inferiores. Da mesma forma, observa-se uma moderada correlação entre as idades de entrada no *Top* 100 e as idades de ocorrência da melhor classificação no *ranking* ATP.

De modo geral, verifica-se que as idades de entrada nos *Tops* 400, 200 e 100 apresentam-se fortemente correlacionadas. Uma vez que a chegada ao *Top* 400 é o primeiro dos três marcos observados, ressalta-se a sua utilização como um importante indicador para predizer os futuros resultados apresentados pelos tenistas, tendo em vista que mais da metade da amostra em questão já havia cruzado essa barreira antes de finalizar o seu último ano como júnior.

Tabela 2

Correlação bivariada simples entre as idades de início à prática do tênis, de melhor classificação no *ranking* ITFJC, idade de entrada no *Top* 400, *Top* 200, *Top* 100 e de ocorrência da melhor classificação no *ranking* ATP

	Início		ITFJC		Top 400		Top 200		Top 100		ATP	
	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p	r	p
Início												
ITFJC	+0,33	≤0,01										
Top 400	+0,16	n..s	+0,38	≤0,01								
Top 200	+0,25	≤0,05	+0,45	≤0,01	+0,91	≤0,01						
Top 100	+0,30	≤0,01	+0,40	≤0,01	+0,86	≤0,01	+0,94	≤0,01				
ATP	+0,29	≤0,01	+0,48	≤0,01	+0,56	≤0,01	+0,69	≤0,01	+0,69	≤0,01		

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com Crespo et al. (2003), existe uma correlação positiva e moderada (0,74) entre o número total de torneios de uma nação e o número total de atletas com *ranking* ATP, sugerindo que as nações que apresentam maiores oportunidades competitivas gozam de um maior número de tenistas com classificação ATP. Os autores relatam ainda haver uma correlação positiva e forte (0,91) entre o número de tenistas com classificação ATP e o número de tenistas *Top* 200 e uma correlação moderada negativa (-0,55) entre o número total de tenistas com *ranking* ATP. Assim, concluem que as nações com maior número de tenistas classificados no *ranking* ATP apresentam um maior número de tenistas *Top* 200 e, conseqüentemente, um maior número de tenistas de elite (CRESPO et al., 2003).

Analisando os dados apresentados na Tabela 2 pela perspectiva dos autores anteriormente citados obtêm-se informações substanciais com relação às ofertas competitivas que deveriam ser propiciadas pelas nações que desejam auxiliar no desenvolvimento de tenistas de elite. A forte correlação relatada entre a idade de entrada no *Top* 400 e as idades de entrada nos *Tops* 200 e 100 deixa clara a necessidade de se realizar uma quantidade significativa de eventos das séries *Futures* e *Challengers* ao longo do ano. Particularmente, os torneios *Futures* permitem aos tenistas sem ou com baixas classificações, conquistarem os primeiros pontos no *ranking* ATP e adentrarem ao *Top* 400.

Para além desses fatores, segundo Crespo et al. (2003), os países que realizam um maior número de torneios proporcionam aos seus tenistas a oportunidade de competirem em um bom nível e pontuarem nos *rankings* internacionais sem a necessidade de viajar muito, o que acaba por reduzir os custos operacionais principalmente no momento de transição do júnior para o profissional, fator esse que é relatado por muitos tenistas como limitante, tendo em vista que, nessa etapa, os prêmios recebidos não são suficientes para arcar com as despesas de treinos e viagens.

Ao averiguar as correlações existentes entre as melhores classificações nos *rankings* ITFJC e as melhores posições obtidas pelos tenistas no *ranking* ATP no final da época de juniores, constatou-se uma associação tênue (+0,33) entre essas duas variáveis, sugerindo que os tenistas que apresentam melhores *rankings* ITFJC tendem a apresentar uma melhor classificação no *ranking* ATP no final da época de juniores (Tabela 3). Por outro lado, a associação encontrada entre essa mesma variável e a melhor classificação no *ranking* ATP seniores revelou não possuir qualquer valor preditivo, ou seja, a melhor classificação no sistema ITFJC não influencia de forma significativa as melhores classificações obtidas no circuito profissional.

Esses dados corroboram os encontrados por Reid et al. (2007), que relataram que estar classificado entre os 20 primeiros ITFJC permite prognosticar de forma significativa a entrada desses tenistas no *ranking* profissional, porém essa predição explica apenas 5% da variação observada na classificação obtida por esses atletas no *ranking* profissional.

Tal comportamento leva a questionar até que ponto a excessiva ênfase dada por alguns treinadores aos resultados apresentados pelos tenistas no ITFJC poderia efetivamente contribuir para a sua ascensão no *ranking* ATP. Isso não quer dizer que a participação dos tenistas nesse circuito não seja importante. Acredita-se que o ITFJC seja uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos tenistas, pois permite a eles ingressarem em um circuito similar ao que encontrarão no profissionalismo, contando nessa etapa como uma ajuda de custo advinda da ITF para hospedagem e alimentação, o que lhes permite viajar mais vezes ao ano e adquirir experiências e contatos que poderão lhes facilitar o recebimento de convites para eventos profissionais futuros.

O que está em questão é a excessiva ênfase que se tem dado em estarem no *Top 20* do ITFJC. Entende-se que muitas vezes o sucesso obtido no circuito ITFJC pelos tenistas brasileiros, por exemplo, ocorre à custa de torneios de menor expressão, fato que explica, em parte, o fraco desempenho de vários tenistas nacionais em eventos de maior destaque, como os *Grand Slam* e eventos do grupo A da ITF.

De acordo com Reid et al. (2007), há anos o Brasil aparece como um dos países de maior destaque no ITFJC. Isso pode decorrer do fato que muitos tenistas juniores de destaque, que já estão concentrando suas atenções para o circuito profissional e que não possuem mais um bom *ranking* juniores por não participarem ativamente desse circuito, fazem algumas aparições nos eventos de maior porte ficando, muitas vezes, com o título. Porém, observa-se que esse sucesso não se tem traduzido, posteriormente, em um maior número de tenistas de destaque no *ranking* profissional.

Por fim, a associação moderada (+0,41) existente entre a melhor classificação ATP ao final da época de juniores e a melhor classificação da carreira obtida nesse mesmo *ranking* indica que essa variável pode ser um importante indicador do potencial apresentado pelo tenista ainda em idades juniores, sugerindo que os tenistas que apresentam melhores classificações no *ranking* ATP no final da época de juniores tendem a apresentar melhores classificações finais no *ranking* ATP quando seniores. Esses resultados vão ao encontro dos resultados de Brito, Fonseca e Rolim (2004) e Cafruni, Marques e Gaya (2006) que verificaram que quanto mais elevado o escalão em que os altos resultados ocorriam, maior era a probabilidade destes bons resultados voltarem a ocorrer na fase adulta de competições.

Tabela 3

Correlação entre as melhores classificações nos rankings ITFJC, ATP (ao final da época júnior) e ATP (sênior)

	ITFJC		ATP (júnior)		ATP (sênior)	
	R	p	r	p	R	p
ITFJC						
ATP – ao final da época de juniores	+0,33	≤0.01				
ATP	+0,07	n.s	+0,41	≤0.01		

Fonte: Elaborada pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados neste estudo demonstraram que a idade de entrada no *Top 400* pode ser utilizada como um importante instrumento no prognóstico do desempenho esportivo ainda no escalão júnior, uma vez que a mesma apresentou uma forte correlação com as idades de passagem nos *Tops 200* e *100*.

Verificou-se, ainda, que a moderada correlação existente entre a melhor classificação no ranking ATP ao final da época júnior e a melhor classificação no ranking ATP da carreira demonstrou ser melhor indicador do verdadeiro potencial do atleta do que a correlação existente entre as melhores classificações obtidas nos rankings ITFJC e ATP.

Assim, sugere-se que os tenistas que se destacam no ITFJC deveriam focar suas atenções para conseguirem somar pontos e galgarem posições no ranking profissional antes de terminarem sua participação enquanto juniores, competindo apenas nos eventos de grande expressão ITFJC e minimizando as preocupações com a classificação neste sistema de pontuação.

SPORTS SCORES IN JUNIOR AND PEAK PERFORMANCE STAGE. AN ANALYSIS OF THE TOP 100 PLAYERS CAREER'S

Abstract: The present study examined the interdependence that occurs between the sporting success in the junior stage and the performances achieved in the stage of peak performance. To achieve this goal, we produced statistics of central tendency, dispersion and Pearson's correlations on selected variables. The results showed that the enter age into Top 400 players can be used as an important tool in the prognosis of sporting performance. Furthermore, it was observed that the best ranking in the Men's Professional Tennis (ATP) at the end of junior ranking of the season proved to be a better indicator of the true potential of the athlete than the ranking of the International Tennis Federation's Junior Circuit (ITFJC).

Keywords: tennis; competition; competitive pathway.

REFERÊNCIAS

ATP. **Men's professional tennis**. Londres. Disponível em: <<http://www.atptennis.com/en/players/>>. Acesso em: 31 dez. 2007.

BALYI, I. **Long-term athlete development**. Canadian Sport for Life. 2005. Disponível em: <<http://www.canadiansportforlife.ca/upload/docs/LTAD%20Downloads%20Eng/Canadian%20Sport%20for%20Life%20Resource%20Paper.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2007.

BRITO, N.; FONSECA, A. M.; ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2004.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.

CRESPO, M. et al. The relationship between professional tournament structure on the national level and success in men's professional tennis. **Journal of Science and Medicine in Sport**, Sidney, v. 6, n. 1, p. 3-13, 2003.

FERNANDÉZ, A. L. **Estudio de la progresión de los semifinalistas de los campeonatos de España de categoría infantil disputados entre los años 1988 y 1992**. 2007. Disponível em: <http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_29399_original.PDF>. Acesso em: 4 fev. 2008.

ITF. International Tennis Federation. Londres. Disponível em: <<http://www.itftennis.com/juniors/>>. Acesso em: 17 dez. 2007.

MILEY, D.; NESBITT, J. ITF junior tournaments are a good indicator. **ITF Coaching and Sport Science Review**, Londres, v. 7, p. 12, 1995.

REID, M. et al. The ITF junior boys' circuit and its role in professional player development. **ITF Coaching e Sport Science Review**, Londres, v. 35, p. 2-3, 2005.

_____. The importance of the International Tennis Federation's junior boys' circuit in the development of professional tennis players. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v. 25, n. 6, p. 667-672, 2007.

UNIERZYSKI, P. Reasons of success na failure in the carrers of young tennis players. In: CRESPO, M.; REID, M.; MILEY, D. **Applied sport science for high performance tennis**. Londres: ITF ltd, 2003. 138 p.

VICARIO, E. S. High level tennis in Spain: The Sanchez Casal Academy. In: CRESPO, M.; REID, M.; MILEY, D. **Applied sport science for high performance tennis**. Londres: ITF ltd, 2003. p. 79-92.

Contato

Caio Correa Cortela
Rua Conrado Schiffer, 80, bloco 2, apto. 3, Vila Estrela
Ponta Grossa – PR – Brasil – CEP 84050-280
E-mail: caio.tenis@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em 28 de novembro de 2010
Aceito em 9 de março de 2012